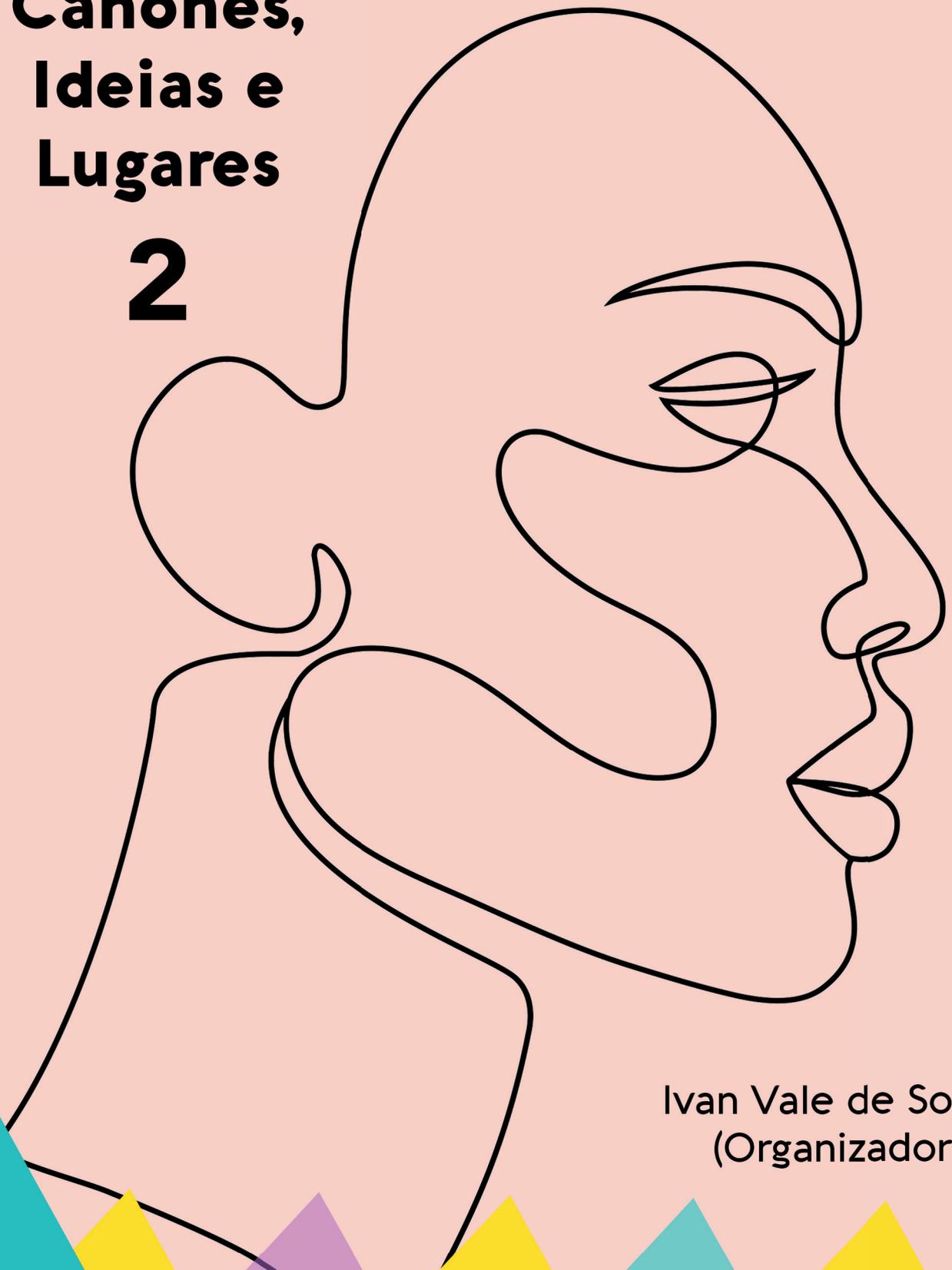


**Linguística,  
Letras e Artes:  
Cânones,  
Ideias e  
Lugares**

**2**



Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

**Atena**  
Editora

Ano 2020

**Linguística,  
Letras e Artes:  
Cânones,  
Ideias e  
Lugares**

**2**



Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

**Atena**  
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo

**Edição de Arte:** Luiza Batista

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof<sup>a</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof<sup>a</sup> Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof<sup>a</sup> Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
L755	<p>Linguística, letras e artes [recurso eletrônico] : cânones, ideias e lugares 2 / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF            Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.            Modo de acesso: World Wide Web.            Inclui bibliografia            ISBN 978-65-5706-117-6            DOI 10.22533/at.ed.176201906</p> <p>1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes.            3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.</p> <p style="text-align: right;">CDD 407</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

A produção da ciência passa pelos meandros da linguagem. Todos nós utilizamos a linguagem para interagir com nossos interlocutores e trabalhar com a linguagem é trabalhar também como focos estabelecidos e auxiliares do envolvimento dos sujeitos. Todos os sujeitos envolvidos na escritura desta coletânea se unem a outros tantos para que a formalização do conhecimento seja construída em uma cartografia de ideias e saberes.

Neste segundo volume deste e-book que surge em meio à pandemia do novo coronavírus (Sars-CoV-2), Covid-19, infecção que tem assolado e desestruturado, emocionalmente, muitas pessoas que não tiveram uma experiência considerável com este sombrio momento que estamos passando; assim, externamos os nossos sinceros sentimentos e acreditamos que dias melhores estão por vir, mas, depende do compromisso de todos para que saíamos logo desse pesadelo que insiste em permanecer.

Escrever em uma situação de pandemia significa um momento solitário em que as lembranças insistem em se firmarem nas situações adversas da calamidade vivenciada pelo país e o planeta. A Covid-19 nunca foi e nem será apenas uma gripezinha ou um simples resfriado como alguns discursos malfeitos insistem perpetuar. A Covid-19 é uma infecção grave, merecendo inúmeros cuidados e todos nós somos responsáveis pela amenização dessa situação. O momento agora é de isolamento social sim e as ciências da linguagem despontam como necessárias para se pensar nas oportunidades e nos acessos que as artes, a linguística, a literatura e a linguagem encaminham os sujeitos a protagonizarem a participação no discurso.

Nesta obra são vinte capítulos que sancionam a multiplicidade de conhecimentos dos mais diversos autores que autorizam seus interlocutores a desbravarem os caminhos questionadores e propositivos das reflexões apresentadas. Cada um dos autores demonstram um avanço na diversidade das discussões que tomam as ciências da linguagem como portas que se abrem para o novo, para o inusitado e para o questionável.

Fazer ciência no Brasil não é uma tarefa fácil e este momento não representa uma ação digladiadora das áreas do conhecimento. Sendo assim, fazer ciência no Brasil é, sobretudo, um pleno exercício democrático, resistente e transparente de colocar o conhecimento em destaque para o acesso de todos.

Em linhas gerais, este e-book simboliza um amplo convite para que os leitores possam investigar os conhecimentos que estão apresentados em cada forma de organização do discurso e da linguagem. Logo, resta-nos desejar que os saberes encontrem suas experiências de trabalho com a linguagem, enfatizando que sejam boas e novas as reflexões apresentadas. Assim, aos pesquisadores e estudiosos de plantão desejamos uma boa leitura!

Ivan Vale De Sousa

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
O GÊNERO AUTOBIOGRAFIA COMO POSSIBILIDADE PARA O LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Edilson Barbosa Martins Joseval dos Reis Miranda	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1762019061</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
LETRAMENTOS ACADÊMICOS NO ENSINO A DISTÂNCIA: O TCC DA ESCOLA DE GESTORES (FAE/UFMG)	
Ana Paula da Silva Rodrigues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1762019062</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>32</b>
O LETRAMENTO LITERÁRIO NA ESCOLA ATRAVÉS DA LITERATURA INFANTO JUVENIL DE JOSÉ LINS DO RÊGO	
Adelmo Pereira dos Santos Hermano de França Rodrigues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1762019063</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>41</b>
OS ESTUDOS EM LETRAMENTO E AS POLÍTICAS PÚBLICAS EM TORNO DA EDUCAÇÃO PRISIONAL	
Walkiria Felix Dias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1762019064</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>51</b>
AS EVIDÊNCIAS DAS CATEGORIAS ENUNCIATIVAS	
Ivan Vale de Sousa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1762019065</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>62</b>
PERCEPÇÕES SOBRE O PORTUGUÊS PAULISTANO: UM EXPERIMENTO <i>MATCHED-GUISE</i> COMBINANDO AS VARIÁVEIS (CN), (ẽ) E (-r)	
Isabel Pie	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1762019066</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>70</b>
USO DO POEMA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: A ARTE DE LANGSTON HUGHES COMO UMA POSSIBILIDADE DIDÁTICO PEDAGÓGICA	
Lucas Damasceno Alberto Damasceno	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1762019067</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>81</b>
POEMANDO POR AÍ: METODOLOGIAS ATIVAS E LUDICIDADE NO ENSINO DE POESIA	
Elaine Christina Mota Melissa Velludo Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1762019068</b>	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>94</b>
GÊNERO E ARTE: A PRODUÇÃO ARTÍSTICA DE MULHERES PINTORAS NO SURREALISMO	
Isabela Iani Borges Oliveira Giovanna Aparecida Schittini dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1762019069</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>108</b>
MUSICOTERAPIA E CRIANÇAS SURDAS COM IMPLANTE COCLEAR (IC): INVESTIGAÇÃO DA PERCEPÇÃO MUSICAL	
Roberto Augusto Corrêa Reinert Noemi Nascimento Ansay	
<b>DOI 10.22533/at.ed.17620190610</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>119</b>
REPRESENTAÇÕES DO CAOS NA MÚSICA DO SÉCULO XVIII	
Felipe Galhardi Rodrigues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.17620190611</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>128</b>
A ICONOGRAFIA MUSICAL NA OBRA <i>A REDENÇÃO DO AMAZONAS</i> , DE AURÉLIO DE FIGUEIREDO	
Luciane Viana Barros Páscoa Keyla Moraes da Silva Martinez	
<b>DOI 10.22533/at.ed.17620190612</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>143</b>
<i>TRACES DE DANSEUSE</i> – OUTROS TEMPOS ALÉM DO INSTANTE DECISIVO NA FOTOGRAFIA DE DANÇA	
Daniela Remião de Macedo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.17620190613</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>155</b>
O EXISTENCIALISMO NO ROMANCE <i>GRAÇA</i> , DE LUIZ VILELA	
Lucas Fernando Gonçalves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.17620190614</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>165</b>
JAMES JOYCE E DUBLINENSES: ENTRE O LOCALISMO E O COSMOPOLITISMO	
Alisson Kameya	
<b>DOI 10.22533/at.ed.17620190615</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>175</b>
NA TRILHA DA TRASH: QUESTÕES SOBRE IDENTIDADE NO CINEMA E A MOSTRA INTERNACIONAL DE CINEMA FANTÁSTICO	
Alice Fátima Martins Márcio Mário da Paixão Júnior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.17620190616</b>	

<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>185</b>
O LABORATÓRIO IMAGINÁRIO: PRÁTICAS ESPECULATIVAS LOCALIZADAS	
Leonardo da Silva Souza	
Thawan Dias Santana	
<b>DOI 10.22533/at.ed.17620190617</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>197</b>
O MANIFESTO MARGINAL E AS SUAS MARGENS: UMA QUESTÃO DE REPRESENTATIVIDADE FEMININA	
Priscila Linhares Velloni	
<b>DOI 10.22533/at.ed.17620190618</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>211</b>
O TÚMULO DO GENERAL: HISTÓRIA E ARTE NO <i>BRITISH CEMETERY</i> DO RECIFE	
Davi Kiermes Tavares	
José Paulo Seifert Brahm	
Ronaldo Bernardino Colvero	
<b>DOI 10.22533/at.ed.17620190619</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>225</b>
RESGATANDO O ESPAÇO PÚBLICO: TEATRO DO OPRIMIDO & ESCOLA	
Antonio Carlos Figueiredo Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.17620190620</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>234</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>235</b>

## OS ESTUDOS EM LETRAMENTO E AS POLÍTICAS PÚBLICAS EM TORNO DA EDUCAÇÃO PRISIONAL

*Data de aceite: 01/06/2020*

*Data de submissão: 06/05/2020*

**Walkiria Felix Dias**

Universidade Federal de Uberlândia

Uberlândia - MG

<http://lattes.cnpq.br/5172452633560047>

**RESUMO:** O presente estudo discute os trabalhos de Teixeira de Oliveira (2009), Ramos & Oliveira (2011), Scariot (2014) e Bózio & Molin (2016), uma vez que tratam do letramento e da educação prisional (EP). A partir desses trabalhos, constatamos a necessidade de que existam políticas públicas específicas ao contexto da EP. Para demarcar a concepção de letramento deste trabalho e poder perceber como esse conceito aparece nos trabalhos aqui discutidos, nos amparamos em autores como Street, Menezes de Souza, Kleiman, Monte Mór e Rojo. Concluímos que, as atuais políticas públicas envolvendo a EP são aproveitadas dos projetos pedagógicos de outras áreas e isso não beneficia o processo de ensino-aprendizagem nesse contexto. Ainda, nosso estudo aponta para a importância de que os conhecimentos trabalhados em sala de aula valorizem as

vivências diárias dos alunos privados de liberdade, para que assim, tenhamos uma maior qualidade de ensino em contexto de EP.

**PALAVRAS-CHAVE:** educação prisional; políticas públicas; letramento.

**ABSTRACT:** This study discusses the work of Teixeira de Oliveira (2009), Ramos & Oliveira (2011), Scariot (2014) and Bózio & Molin (2016), since they deal with literacy and prison education (PE). From these studies, we can perceive a need for specific public policies to the context of PE. To demarcate the literacy conception of our research and to be able to perceive how this concept appears in the works discussed here, we rely on authors such as Street, Menezes de Souza, Kleiman, Monte Mór and Rojo. We conclude that the current public policies involving PE are not built for this specific area and this does not benefit the teaching-learning process in this context. Still, our study points to the importance that the knowledge discussed in the classroom value the daily experiences of students deprived of their freedom, so that we have a higher quality on the education at the context of PE.

**KEYWORDS:** prison education; public policy; literacy.

## 1 | INTRODUÇÃO

Na tentativa de sintetizar as contribuições do letramento para o processo de ensino-aprendizagem de língua materna e estrangeira na Educação Prisional (EP) e discutir como são definidas as políticas públicas, foi realizada uma análise de textos já existentes sobre esse contexto, tanto da área de letras quanto de Pedagogia, Psicologia e Direito. Foram encontrados poucos textos que tratavam especificamente da EP e mais raros ainda os que faziam articulações entre a EP e os estudos dos letramentos. Para isso, foram selecionados os artigos, capítulos de livros, dissertações ou teses sobre a EP e que citavam pelo menos uma vez “letramento” ou variantes da palavra. Foi através dessa aparição do termo – às vezes solto no texto, às vezes contextualizado – que identificamos formas de contribuição desse conceito ao contexto da EP.

Como forma de embasar tal discussão, nossa concepção de letramento tem como base teórica Street (2012; 2013; 2014), Souza (2011), Kleiman (2015), Monte Mór (2013) e Rojo (2009). Também utilizamos conceitos de Bakhtin (2000) como linguagem, enunciado e sujeito para traçar reflexões acerca desse processo de ensino-aprendizagem de línguas.

Partimos do pressuposto de que letramento é a capacidade - sempre em construção – de se fazer valer da linguagem para se posicionar de maneira flexível, responsável e coerente em situações de uso social da língua. Habilidade essa, não necessariamente atribuída a escolaridade e que também não deve conceber o processo de leitura e escrita enquanto fruto de um conjunto ou sistema de técnicas que podem ser adquiridos ou não e que definem se o sujeito será “bem-sucedido”. Tratamos, portanto, não de um modelo autônomo de letramento, mas de um letramento ideológico e por isso, social, político, múltiplo, heterogêneo e que por si só “é apenas uma habilidade entre várias outras que se permutam”. (STREET, p.35, 2014)

## 2 | A ESCOLARIDADE NO SISTEMA PRISIONAL

Segundo o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen) de junho de 2016, cerca de 90% dos sujeitos privados de liberdade, no Brasil, não completaram o ciclo de escolarização formal básico. Caso adotássemos, nessa pesquisa, um modelo autônomo de letramento, seria possível atribuir a criminalidade à falta de escolarização e traçar uma agenda educacional para o sistema prisional, com base nas habilidades e conceitos que regem o Ensino Básico brasileiro. Por si só, tais habilidades e conceitos já serviriam para a reabilitação e reinserção social dos sujeitos privados de liberdade, uma vez que essa situação de privação teria sido uma falta, ou falha da educação formal que os colocou em situações legalmente condenáveis. Tal posição, desconsideraria questões psicológicas, cognitivas, comportamentais, além de, sociais, políticas e econômicas de nosso país que precisam ser discutidas para traçar as possíveis causas de possuímos a

3º maior população carcerária do mundo.

Segundo Street (2014), “o letramento em si mesmo não promove o avanço cognitivo, a mobilidade social ou o progresso: práticas letradas são específicas ao contexto político e ideológico e suas consequências variam conforme a situação” (STREET, p. 41, 2014). Ainda, de acordo com o autor, mesmo que o letramento por si só não seja garantia desses fatores, é necessário discutir o quadro teórico atual de letramento e quais contribuições ele pode desencadear ao nosso contexto de investigação, no caso deste estudo, a Educação Prisional. Mais especificamente o processo de ensino-aprendizagem de línguas nesse contexto.

### 3 | PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

As pesquisas em letramento podem contribuir para a EP porque enquanto um campo que abarca “as práticas sociais situadas, que variam segundo as instituições, os participantes e as relações de poder que as sustentam” (KLEIMAN, p. 13, 2015) exige que o pesquisador considere o lugar em que a prática social acontece, assim como observar o que esse “lugar” – não necessariamente físico – permite ou não permite e o que ele apaga ou privilegia. A metodologia da pesquisa em letramento crítico, como proposta por Menezes de Souza (2011) demanda do pesquisador que ele leia, se lendo. Que assuma responsabilidade em suas interpretações, ao passo que entende o que é possível falar ou compreender do lugar de um outro, sempre colocando em batimento o que ele consegue significar a partir do que está dado e o que não está. Também, por isso, é necessário definir de que escopo teórico estamos falando enquanto fazemos pesquisa em letramento, uma vez que o termo vem sendo utilizado por vários campos do conhecimento ao longo dos anos.

De acordo com Souza (2011), o letramento é múltiplo, portanto, não há apenas um letramento. Segundo o autor, existem formas dominantes de letramento, como o letramento escolar. Dessa forma, o trabalho com tais práticas letradas pode perenizar práticas já privilegiadas rumo a uma homogeneização das sociedades para que funcionem enquanto nação. O que vai de encontro com a crítica de Street (2014), quando o autor trata da estigmatização advinda da classificação de sujeitos enquanto letrados e iletrados, que também é causada pela ideia de que letramento é vinculada apenas à escolarização formal.

Dessa forma, segundo Street (2014), o letramento pode se transformar em instrumento de perversidade quando contribui para a estigmatização do sujeito entre letrado e iletrado, porém se o considerarmos um termo múltiplo e necessário nas várias situações de uso social da linguagem, é possível afirmar que “todos na sociedade exibem alguma dificuldade de letramento em alguns contextos” (STREET, p. 41, 2014).

Oliveira (2008) se posiciona de maneira semelhante, ao afirmar que “todo saber é

saber sobre uma certa ignorância e, vice-versa”. Sendo assim, considerar que uma pessoa detém ou não um conhecimento, depende sempre da perspectiva e do contexto em que está inserido esse conhecimento, que em determinada situação histórica, pode assumir múltiplos significados e até mesmo, posições de pouca relevância. Molica e Leal (2009), também compactuam com o postulado de que todos podem ser considerados letrados, dependendo da circunstância. Segundo as autoras, “mesmo os não alfabetizados, por estarem inseridos na mesma cultura e serem possuidores de conhecimentos que lhes permitem criar estratégias próprias (...) para entender o que necessitam, sem terem passado pelo ensino formal” (MOLICA; LEAL, p. 11, 2009).

Ainda em busca de uma definição de letramento, de acordo com Menezes de Souza (2011), o letramento é múltiplo, por isso, um processo de ensino-aprendizagem pautado nesse conceito, precisa:

Educar para a diferença, preparar para o conflito, se não a gente vai entender que toda vez que surge uma diferença ela precisa ser eliminada. O educando deve perceber as consequências que suas interpretações e valores podem ter sobre o outro, que ele e o outro possuem interpretações e valores diferentes: essa é a dimensão ética. (Menezes de Souza, p. 299)

Uma sala de aula de línguas, tanto materna quanto estrangeira, não deve contemplar, portanto, apenas pela estrutura, sistema ou código, até porque essa abordagem é famosa por tentar padronizar a língua e apagar as diferenças. É necessário discutir os diferentes gêneros discursivos, suas adequações e suas funções. Muito se fala do caráter reabilitatório da EP, porém se a sala de aula se preocupar com o ensino de orações e não de enunciados, não é possível afirmar que realmente haja uma reabilitação ou possibilidade de que o sujeito pense em si mesmo e repense seus próprios atos. Afirmamos isso, considerando que para Bakhtin (2016), a oração é uma unidade linguística que não carece de responsividade, ao passo que o enunciado é sempre passível de uma resposta, de uma interpretação, sendo ele, “uma unidade real de comunicação discursiva, assim como um elo na corrente discursiva de outros enunciados”. Assim, tendo como base o Círculo de Bakhtin, aqui neste trabalho, a linguagem deve ser considerada uma materialidade que ao mesmo tempo reflete, também refrata o mundo. Tendo em vista que os sentidos advindos do que é dito, estão sempre em constante mutação, visto que dependem da responsividade e das interpretações de sujeitos que são únicos e atravessados por suas próprias vivências, que influenciam em suas interpretações.

Oliveira (2008) ao discutir, em seu livro, as contribuições de Boaventura Souza Santos para a educação, discute a inexistência da homogeneidade, mesmo dentro de um mesmo grupo (nação). Existem sim, portanto particularidades compartilhadas entre esses grupos, mas cada sujeito é único e é muitos ao mesmo tempo e atravessado por vozes outras, que nunca são as mesmas para cada sujeito: “diversas linguagens (...) coexistem no seio de um mesmo dialeto”. (OLIVEIRA, p. 156, 2008). Pensar nesses conceitos provoca,

ou acarreta uma visão de um letramento não fechado, não com um fim na alfabetização como forma de ascensão social, por exemplo, e sim em tomada de responsabilidade, consciência de um outro no que eu digo e de mim em um outro e na necessidade de ouvir as diversas vozes pensando sempre no meu lugar em relação ao que é dito, feito. Não basta ler e escrever, é necessário flexibilidade e uma certa tomada de distância das “palavras autoritárias”, discutidas por Freire (1996) e Street (2014), para que consigamos lidar com o que o mundo trouxe, quem o outro trouxe.

A concepção de sujeito de Bakhtin também pode ser articulada com o trabalho à luz do letramento, visto que só é possível pensar em um eu, a partir de um outro. É necessário, portanto escutar o Outro, em seu contexto que é sempre situado, em seu dizer que é sempre ideológico, lembrando que também somos um outro, que constituímos e somos constituídos por um mundo caótico. Para Bakhtin (1998), a concepção do sujeito está atrelada sempre à palavra: “A concepção particular do ouvinte-leitor compreensivo é constitutiva para ela. Cada palavra implica um certo grau de responsabilidade e uma certa distância” (BAKHTIN, 1998, p. 146) surgindo aí, a ideia de que não há um acabamento para o sentido, ele pode sempre se transformar. Se não há acabamento para o sentido, uma pessoa letrada precisa, portanto, de uma flexibilidade interpretativa para lidar com os desdobramentos de seus próprios enunciados e dos outros no uso da língua.

Apesar de Bakhtin não tratar diretamente do letramento, muitos autores articulam seus conceitos nesse campo teórico. Por exemplo, Rojo (2009), utiliza dois conceitos de Bakhtin ao falar sobre letramento. O de esfera da atividade social e o de gêneros discursivos, uma vez que “circulamos por diferentes esferas de atividades (...) em diferentes posições sociais, como produtores ou receptores/consumidores de discursos, em gêneros variados, mídias diversas e em culturas também diferentes” (ROJO, p. 110, 2009) e existem gêneros aceitos ou que não se encaixam, dependendo de cada esfera. Já para Freire e Macedo (2017), é necessário respeitar as diversas possibilidades e pluralidades e dar direito para que as múltiplas vozes possam “se dizer”, mesmo que para isso, se apropriem de uma linguagem dominante que pode ser ressignificada a partir de seus próprios idiomas.

Freire e Macedo (2017) ainda discutem o papel do letramento na reflexão acerca de questões de legitimidade, representação, voz, e os autores enxergam na capacidade de ler o mundo, uma possibilidade para transcender imposições que estrangulam não apenas liberdades individuais, mas culturas menos favorecidas. Os autores não defendem um apagamento das diferenças e uma homogeneização social, mas sim que as pessoas mudem suas formas de ler, agir e ouvir as diferenças e pensar além do que os sistemas políticos econômicos e até mesmo educacionais dão conta. “A legitimação desses diferentes discursos autenticaria a pluralidade de vozes na reconstrução de uma sociedade verdadeiramente democrática” (FREIRE; MACEDO, p. 9, 2017). E o conceito de tradução discutido por Freire em suas obras, seria uma possibilidade para essa

legitimação e respeito pelas pluralidades culturais.

O conceito de educação emancipatória de Souza Santos, trazido em Oliveira (2008), pode ser articulado com o que estamos tentando propor nesse trabalho. Se letramento pode ser definido enquanto conhecimento de práticas sociais de uso da linguagem, um projeto educativo emancipatório, no contexto da Educação Prisional é fundamental, uma vez que se preocupa com a invenção de dispositivos que facilitem a comunicação, a troca, a negociação. Somente com essa “tradução” entre os diferentes é que poderíamos falar de uma EP eficaz em relação ao que a legislação e o senso comum esperam dela. Essa tradução a que nos referimos, é uma tradução cultural. Conceito melhor discutido em Tagata (2017):

A tradução assim concebida deve se dar a partir da defasagem – e não diferença – entre as culturas, enquanto um movimento de prospecção que nos leve a explorar caminhos da ação e do pensamento humanos nunca explorados, de modo a sermos capazes de imaginar uma práxis fundada na equidade, na tolerância e na valorização das riquezas natural e epistemológica do planeta. (TAGATA, p. 23, 2017)

Uma das problemáticas da forma com que a EP acontece, se trata do fato de que as práticas de sala de aula, adotadas no contexto, não são elaboradas especificamente para essa realidade. O que não corrobora para que haja essa “tradução” entre o que deve ser ensinado e a vida desses alunos privados de liberdade.

#### **4 | A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA EM LETRAMENTO PARA A EP**

Teixeira de Oliveira (2009), Ramos & Oliveira (2011), Scariot (2014) e Bózio & Molin (2016), foram os estudos que, dentre os que encontramos, selecionamos para tratar da questão do letramento e da Educação Prisional. No estudo de Teixeira de Oliveira (2009), é discutida a questão da identidade e das representações, a partir de entrevistas realizadas com mulheres em conflito com a Lei. Nele, letramento aparece como uma prática de leitura e escrita, de maneira contextualizada. Além disso, enquanto um conjunto de habilidades que podem possibilitar uma futura inserção dessas mulheres, em uma sociedade letrada.

Segundo a autora, não é necessário que a prática da leitura e da escrita em sala de aula, parta apenas de textos socialmente valorizados, é possível que esse processo de ensino-aprendizagem aconteça com base em outros gêneros que façam parte do contexto dessas alunas. A pesquisa cita como exemplo os louvores que são compostos e cantados pelas detentas.

Segundo o estudo de Scariot (2014), a função da EP é preparar os sujeitos privados de liberdade para que possam atuar socialmente ao sair da prisão. Os resultados obtidos nas entrevistas, realizadas pela autora, apontam para o fato de que as alunas veem na EP uma possibilidade de colaborar na educação dos filhos. Porém, apesar de essa ser uma demanda do contexto, não é possível afirmar ou prever que as aulas que acontecem na

EP tratem desse assunto, uma vez que, segundo Manfrin (2017), não existem parâmetros educacionais, documentos específicos ou sólidas políticas públicas para essa realidade educacional.

Scariot (2014) também traz em sua pesquisa, outra especificidade do contexto de EP que diz respeito à importância desse contato de sala de aula não apenas para a melhora da autoestima dos alunos, mas também quanto à autonomia para acompanhar seus próprios processos judiciais. Uma pessoa encarcerada, para além das questões de vulnerabilidade relacionadas ao contexto da privação de liberdade, caso não esteja inserida na cultura letrada, se torna constantemente refém de terceiros, tendo em vista que não consegue por conta própria ler suas sentenças ou até mesmo os bilhetes e cartas que recebe.

No trabalho de Ramos e Oliveira (2011), a concepção de letramento aparece enquanto uma capacidade de ler e escrever de forma contextualizada, dentro do que é esperado socialmente para atividades sociais corriqueiras. O trabalho também define o que concebe enquanto “alfabetização” como uma prática de letramento que auxiliará os alunos a desenvolver suas capacidades, competências e habilidades. De acordo com a pesquisa, a alfabetização e o letramento não são aspectos que sempre se acompanham e no caso dos alunos da EP, mesmo que sejam alfabetizados, na maioria dos casos, não possuem um letramento que os possibilitem participar ativamente da vida civil.

Já o estudo de Bózio e Molin (2016) concebe o letramento enquanto uma habilidade que é culturalmente determinada e que um trabalho de sala de aula, dentro dessa perspectiva, pode ser libertador. Sendo assim, as atividades ideais a se trabalhar na EP, precisam partir de conteúdos reais de uso da língua, que tenham significado para os alunos.

As práticas educacionais pautadas na perspectiva do letramento criam ambientes de libertação, na medida em que assegura um processo de ensino com base em situações reais de uso da língua, e passíveis de acontecer em qualquer cotidiano, tanto prisional, quanto global. Essa libertação se dá no momento em que o indivíduo se depara com qualquer prática ou evento de letramento e sabe reconhecê-lo com tal. (BÓZIO; MOLIN, P. 111, 2016)

Bózio e Molin (2016) defendem que o contexto de EP, precisa estar atrelado às esferas da atividade humana, inclusive aos saberes locais, e não valorizar apenas uma cultura escrita que já é socialmente legitimada. Isso também é defendido por Mollica e Leal (2009), quando apontam para o fato de que os alunos têm mais facilidade em ressignificar os conhecimentos para suas vidas, quando conseguem relacionar com suas vivências. Ainda de acordo com Bózio e Molin (2016), o letramento social é fundamental para a reconstrução da vida social pós cárcere, tendo em vista que, de acordo com as autoras, uma pessoa letrada é capaz de se adaptar e enfrentar as demandas que atravessam a vida em sociedade.

Apesar do que mostram os estudos aqui descritos, em relação à importância de

que os conteúdos das aulas estejam relacionados com a realidade dos alunos, a EP ainda acontece nos mesmos moldes do EJA fora de contexto prisional. Sendo assim, é necessário reafirmar a importância de que existam políticas públicas especificamente direcionadas para a EP.

Dentro dessa perspectiva, Celani (2008) ao discutir as políticas públicas educacionais no Brasil aponta para o fato de que elas são afetadas por outras políticas como as econômicas e as sociais e que geralmente não favorecem o contexto educacional. Ela ainda esclarece que uma das razões para que isso ocorra é que a visibilidade política de melhorar o ensino das escolas educacionais, não é tão positiva, quando o assunto é arrecadar votos, do que por exemplo, a construção de novas escolas. Tendo isso posto, ao pensar na EP, ainda temos a problemática em torno dos discursos sociais contra a reabilitação o investimento na educação de sujeitos privados de liberdade. E podemos ainda afirmar que, nesse sentido, a construção de novos presídios também é prioridade das políticas públicas, em comparação ao investimento na melhora das atividades educacionais nos espaços de privação de liberdade já existentes.

O contexto de ensino-aprendizado em instituições de privação de liberdade deve ser continuamente problematizado dentro da LA, inclusive para desnaturalizar o pensamento de que há relação entre a criminalidade e a baixa escolarização, uma vez que em muitos casos, essa crença, pode contribuir para um preconceito que atribui por exemplo a violência às classes sociais mais desfavorecidas, desresponsabilizando o Estado.

A pesquisa em LA por sua vez, apesar de depender de muitas questões estruturais e políticas para contribuir para uma melhora na EP, pode servir para minimamente tirar o professor atuante na EP desse lugar de desamparo teórico-metodológico, por isso esse trabalho anseia lançar olhares sobre pesquisas já existentes e discutir algumas implicações para o contexto da sala de aula.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda são raros os trabalhos preocupados com a Educação Prisional, mas já há uma movimentação de pesquisadores rumo a construção de um *corpus* teórico metodológico que ampare o processo de ensino-aprendizagem na EP. Este estudo, tentou buscar nos trabalhos sobre letramento, regularidades ou disparidades teóricas, tendo como base uma concepção de letramento ideológica e social.

Os trabalhos aqui analisados se preocuparam em definir o conceito de letramento que utilizavam. Foram encontradas outras referências, nas quais o termo “letramento” foi citado, porém sem definição ou discussão aprofundada, por isso, não os consideramos aqui. Com os vários contextos de uso do termo, saber de que escopo teórico ele é problematizado é essencial. Aqui em nosso trabalho, por exemplo, o letramento não é um mero requisito para uma alfabetização sólida.

As discussões aqui apresentadas apontam para a necessidade de que os conteúdos trabalhados na EP estejam relacionados ao contexto dos alunos e suas vivências do dia a dia. Apontamos como exemplos a leitura de suas sentenças, cartas, bilhetes e louvores. Portanto, para além do pensamento em uma futura vida social, é importante que os processos de ensino-aprendizagem também valorizem o contexto direto desses alunos e suas rotinas.

Em 1988, Sousa Santos já falava da necessidade de voltarmos às perguntas simples, pois muita coisa que está naturalizada, já não vale para nossa época, nosso modo de vida, nossa realidade. O exercício da dúvida também é parte de uma pesquisa em letramento e não necessariamente precisamos de uma resposta imediata, mas é fundamental que continuemos sempre em um eterno enfrentamento epistêmico para que a partir daí, tenhamos possibilidade de repensar o mundo e reconstruí-lo de uma forma mais justa, mais humana. Seja através da educação ou através de ouvir o que o outro tem a dizer sobre si mesmo, sobre nosso papel de educadores e sobre o mundo.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria E. Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética (A teoria do romance)*. 4ªed. São Paulo: Unesp, 1998.
- BÓZIO, J. F. C.; MOLIN, B. H. Remição pela leitura e práticas de letramento: uma relação interdependente rumo à libertação. *Revista Travessias*, v. 10, p. 107-120, 2016.
- CELANI, M. A. A. A relevância da Linguística Aplicada na Formulação de uma Política Educacional Brasileira. In: *Aspectos da Linguística Aplicada: estudos em homenagem ao professor Hilário Inácio Bohn*. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2008.
- CORACINI, M. J. O discurso da Linguística Aplicada e a questão da identidade: entre a modernidade e a pós-modernidade. In: CORACINI, Maria José;
- FREIRE, P.; MACEDO, D. Repensando o letramento: Um diálogo. In Darder, Antonia; TORRES, Rodolfo (Org.). *The Critical Pedagogy Reader*, 2017.
- KLEIMAN, A.; DE GRANDE, P. B. Interseções entre a linguística aplicada e os estudos de letramento: desenhos transdisciplinares, éticos e críticos de pesquisa. *Matraga - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, [S.l.], v. 22, n. 36, jul. 2015.
- MANFRIN, Flávio Antônio. Representações socioeducativas da prisão. In: *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, XX, n. 161, jun 2017.
- MENEZES DE SOUZA, L. M. T. Para uma redefinição de Letramento Crítico: conflito e produção de Significação. In: MACIEL, Ruberval Franco; ARAUJO, Vanessa de Assis (Orgs.) *Formação de professores de línguas: ampliando perspectivas*. Jundiaí. 2011.
- MENEZES DE SOUZA, L. M. T. *Multiliteracies and Transcultural Education*, 2017.
- MENEZES DE SOUZA, L. M. T. O professor de inglês e os letramentos no século XXI: métodos ou ética? In:

- JORDÃO, Clarissa Menezes (Orgs.). *Formação “desformatada”: práticas de professores de língua inglesa. Novas perspectivas em linguística aplicada*. Campinas, SP: Pontes, 2011. Vol. 15.
- MOLLICA, M. C.; LEAL, M. *Letramento em EJA*. São Paulo: Parábola, 2009.
- MONTE MÓR, W. Crítica e letramentos críticos: reflexões preliminares. In:
- OLIVEIRA, I. B. *Boaventura & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. Paco editorial, 2011.
- RAMOS, R. S.; OLIVEIRA, A. A. de. *A leitura no contexto penitenciário: uma experiência com jovens e adultos em privação de liberdade e relatos dos alfabetizadores*. 2011.
- SCARIOT, L. F. S. M. Práticas de letramento na Educação de Jovens e Adultos em uma Penitenciária Feminina de Cuiabá-MT. In: XVII ENDIPE, 2014, Fortaleza. *A didática e a prática de ensino nas relações entre escola, formação de professores e sociedade*, 2014.
- SOUSA SANTOS, B. *Um discurso sobre as ciências*. 15. ed. Porto: Afrontamento, 1988.
- STREET, B. Eventos de letramento e Práticas de letramento: teoria e prática nos novos estudos do letramento. In Izabel Magalhães (Org). *Discursos e práticas de letramento: pesquisa etnográfica e formação de professores*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.
- STREET, B. *Letramentos sociais*. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- STREET, B. Políticas e práticas de letramento na Inglaterra: uma perspectiva de letramentos sociais como base: para uma comparação com o Brasil. *Caderno Cedes*, Campinas, v.33, p. 51-71, jan-abr. 2013.
- TAGATA, W. M. Letramento crítico, ética e ensino de língua inglesa no século XXI: por um diálogo entre culturas. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 17, p. 1-25, 2017.
- TEIXEIRA DE OLIVEIRA, E. P. Mulheres em conflito com a lei: a resignificação de identidades de gênero em um contexto prisional. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada* [en linea] 2009, 9 (Julio-Diciembre).

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Abolição 72, 128, 130, 131, 132, 133, 135, 137, 139, 140, 141

Adultos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 50, 86, 110, 228, 233

Arte 34, 35, 70, 73, 74, 79, 94, 95, 97, 106, 107, 129, 140, 144, 146, 149, 154, 175, 180, 185, 187, 190, 195, 211, 212, 218, 219, 223, 224, 225, 226, 227, 230, 234

Aurélio de Figueiredo 128, 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141

Autobiografia 1, 2, 3, 4, 10, 11, 12, 105

### C

Cartier-Bresson 143, 144, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154

Categorias 51, 52, 53, 54, 55, 56, 59, 60, 61, 88, 94, 132

Crianças 3, 33, 70, 71, 78, 87, 104, 108, 109, 110, 117, 140, 208

### D

Dança 138, 143, 144, 149, 150, 151, 152, 153, 154

Debreagem 51, 55, 56, 59

Discurso 15, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 29, 30, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 122, 131, 140, 149, 155, 156, 163, 166, 167, 170, 172, 186, 191, 194, 200, 218

### E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 21, 22, 25, 26, 30, 31, 32, 34, 41, 42, 43, 44, 46, 48, 49, 50, 70, 79, 94, 123, 159, 175, 181, 183, 184, 211, 213, 226, 227, 228, 232, 233, 234

Educação a Distância 14, 16, 234

Educação Prisional 41, 42, 43, 46, 48

Enunciação 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 77

Enunciado 42, 44, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59

Escrita 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 42, 46, 47, 54, 82, 88, 102, 178, 186, 187, 198, 200, 201, 208, 209, 229

Existencialismo 155, 156, 164

### F

Fotografia 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 153, 154, 218, 220, 222

### G

Gênero 1, 2, 3, 4, 10, 11, 12, 15, 18, 22, 24, 25, 26, 27, 30, 50, 67, 81, 94, 96, 97, 99, 100, 102, 105, 106, 107, 129, 177, 178, 179, 181, 183, 186, 199, 201, 203, 204, 208

Guerra Civil Espanhola 70, 71, 72, 73, 74, 75, 79

## I

Iconografia musical 128, 133

Implante 108, 109, 110, 111, 112, 113, 117

## J

Jovens 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 21, 50, 64, 102, 176, 177, 182, 205, 228, 229, 232, 233

## L

Langston Hughes 70, 72, 73, 75, 76, 77, 79, 80

Leitura 1, 5, 6, 7, 8, 10, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 24, 25, 27, 29, 31, 32, 35, 36, 37, 39, 40, 42, 46, 49, 50, 71, 72, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 92, 93, 111, 186, 199

Letramento 1, 2, 7, 8, 10, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 27, 29, 31, 32, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 81, 84, 87, 92

Letramento literário 32, 39, 40, 81, 84, 87, 92

Letramentos Acadêmicos 14, 17, 19, 20, 22, 23, 27

Literatura 32, 33, 34, 35, 38, 39, 40, 49, 70, 71, 72, 75, 79, 81, 82, 83, 91, 92, 96, 102, 119, 129, 155, 156, 157, 159, 163, 166, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 205, 208, 209, 210, 213

Ludicidade 81, 84, 85, 86, 87, 89, 92

Luiz Vilela 155, 156, 163

## M

Metodologia 25, 26, 36, 43, 81, 86, 87, 89, 113, 191, 219, 227, 228

Musicoterapia 108, 109, 110, 111, 112, 113, 117, 118

## P

Percepção Musical 108, 110, 111, 114, 116, 117

Pintura 96, 98, 128, 130, 133, 134, 135, 137, 139, 140, 144, 147, 149

Poema 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 120, 121, 207

Poesia 34, 70, 71, 73, 79, 80, 81, 83, 86, 87, 88, 89, 92, 132, 137, 139

Políticas públicas 41, 42, 47, 48, 180

Português Paulistano 62, 63, 64, 65

Práticas 1, 3, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 29, 31, 32, 43, 46, 47, 49, 50, 103, 110, 182, 186, 187, 189, 190, 193, 194, 195, 231, 232

## S

Sartre 155, 157, 160, 161, 162, 164

Sociolinguística 62, 64, 65, 66, 68

Surrealismo 94, 95, 103, 106

## T

Tempo 1, 10, 11, 30, 34, 44, 51, 53, 54, 56, 58, 59, 60, 61, 70, 75, 77, 79, 82, 85, 96, 100, 101, 102, 132, 139, 140, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 156, 157, 159, 160, 161, 168, 169, 171, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 201, 211, 214, 219, 223, 226, 229

Trabalho de Conclusão de Curso 14

## V

Variáveis sociolinguísticas 62, 63

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**